

A GUERRA DO PARAGUAI NA OBRA DE MACHADO DE ASSIS

UMBERTO PEREGRINO

Que era Machado de Assis, como escritor, ao tempo da Guerra do Paraguai, que se situa, em termos de datas, entre o apresamento do



navio brasileiro "Marquês de Olinda", em 12 de novembro de 1864, e a morte de Solano Lopez, em 1 de março de 1870, quando o Gen Câmara, depois Visconde de Pelotas, surpreende seu acampamento em Cerro-Corá, e persegue o Ditador até acuá-lo, à margem esquerda do rio Aquidabã?

Do ano em que começa a guerra são as "Crisálidas", primeiro livro de versos de Machado de Assis, ao qual se seguem as "Falenas", seis meses após. Antes, o que publicara em livro, além de poesia, fôra tea-

tro: "Queda que as mulheres têm para os tolos" (1860) e "Desencantos" (1861); "Hoje avental, amanhã luva", também teatro, aparecera na "Marmota", de Paula Brito. No ano anterior à deflagração da guerra, é ainda no teatro que se projeta com um volume prefaciado por Quintino Bocaiúva, no qual se incluem: "O caminho da porta" e o "Protocolo". A seguir vêm mais duas peças: "Quase Ministro" e "Deuses de Casaca". Enquanto transcorre a guerra, Machado de Assis, continua interessado em teatro, mas faz principalmente traduções, uma das quais é "O Barbeiro de Sevilha" (1866). Explica Mário Matos "Machado de Assis, o homem e a obra", Brasileira, Cia. Ed. Nacional, 1939), que "naquele tempo da primeira mocidade" de Machado de Assis, "havia o hábito das traduções de obras estrangeiras, sendo o teatro uma das diversões preferidas da sociedade".

Ora, se naqueles anos de 1864, 1866, 1867, era o teatro o gênero literário que mais ocupava Machado de Assis, tanto na produção própria como no ofício de traduzir, isto deve significar que, embora as dificuldades, as apreensões, o luto que vinham do Sul, na Côte, ao

menos para a sociedade dos barões, condes e viscondes não arrefecera o gosto dos espetáculos alegres, estes principalmente os de importação européia. Talvez isso se impusesse como necessidade de aliviar as tensões, porque, na verdade, a guerra se tornara claramente perigosa e cada dia estendia saudades e dores sobre maior número de lares. Seja como for, Machado de Assis, nos dias da guerra, prolonga a literatura em que se inaugura como escritor, e que era uma literatura rigorosamente alienada, feita de poesia lírica e de teatro ligeiro. Aliás, o romancista só desponta em 1872, com "Ressurreição", a que sucede, com intervalos regulares de 2 anos, "A mão e a luva", "Helena", "Iaiá Garcia". Tanto quanto oito anos se acumulam, portanto, sobre o término da guerra do Paraguai até o aparecimento do romance que a toma como pano de fundo da sua trama, precisamente "Iaiá Garcia", que é de 1878.

Em verdade, não foi a Guerra do Paraguai que tardou na ficção de Machado de Assis, foi a ficção que tardou no escritor ("Os Contos Fluminenses", sua 1ª obra no gênero, são de 1869), tanto assim que quando lhe chega o gosto do conto e do romance, nêles não falta a presença da luta, ora em cenas do próprio teatro de operações, ora em episódios vividos na Corte, mas condicionados pela guerra.

As vêzes são simples imagens das ruas, como aquela de um desfile militar, colocada no conto "Pobre Finoca" (Contos Fluminenses, 2º vol.): "Ouviu-se um toque de caixa; era um batalhão que subia a rua do Ouvidor". Noutro conto, "Troca de Datas" (Relíquias de Casa Velha, 2º vol.) refere outro desfile, este o de uma tropa de regresso ao Rio, terminada a guerra. E descreve que "a gente que nas ruas e das janelas via passar os galhardos vencedores era muita, luzida e diversa".

As campanhas para obter donativos, aparecem em referência sumária, encontrada no conto "Um Capitão de voluntários" ("Relíquias de Casa Velha"): "Maria acordou hoje com a mania de colher donativos para a guerra". Havia as campanhas desse tipo, naquele tempo, aí está, e eram, como as de todos os tempos, de duvidosa inspiração patriótica... No caso de Maria, ajunta ainda Machado de Assis, pela boca de um dos personagens, que ela "tem dessas fantasias" e "a idéia há de passar".

Que se pensava, mesmo entre os brasileiros, da posição assumida pelo Império, no Prata? Machado de Assis focaliza as discrepâncias a esse respeito usando um diálogo que se lê nesse mesmo conto "Um capitão de voluntários".

"A Guerra do Paraguai, não digo que não seja como tôdas as guerras, mas, palavra, não entusiasma. A princípio, sim, quando o Lopez tomou o Marquês de Olinda, fiquei indignado; logo depois perdi a impressão, e agora, francamente, acho que tínhamos feito muito melhor se nos aliássemos ao Lopez contra os argentinos.

— "Eu não. Prefiro os argentinos.

— “Também gosto dêles, mas, no interesse da nossa gente, era melhor ficar com o Lope.

— “Não; olhe, eu estive quase a alistar-me como voluntário da pátria.

— “Eu, nem que me fizessem coronel não me alistaria”.

Sobre as operações militares, são tão abundantes quanto informativas as referências do ficcionista, o que deve indicar, pois fala pela boca dos personagens, o interesse com que os fatos da guerra eram acompanhados na Côte.

Em “Iaiá Garcia”, cuja ação, até o primeiro terço da obra, se desenvolve à margem da guerra, se oferecem sucessivos quadros dos campos de batalha. É na repartição que Luis Garcia, sabe “da chegada de tristes notícias do Paraguai. Os aliados tinham atacado Curupaiti e recuado com grandes perdas: o inimigo parecia mais forte do que nunca. Supunha-se até que as propostas de paz não tinham sido mais do que um engodo para fortalecer a defesa”.

Adiante já são flagrantes da vida em campanha, através de Jorge, que se fizera “voluntário” por obra de astuciosa imposição materna. Ao partir, “perdendo de vista a cidade natal, sentiu Jorge que dobrara a primeira lauda do seu destino, e ia encetar outra, escrita com sangue. O espetáculo do mar abateu-o ainda mais: alargava-se-lhe a solidão até o infinito. Os poucos dias da viagem desfiou-os nessa atonia moral que sucede às catástrofes. Enfim, aportou a Montevideu — seguindo dali ao Paraguai”.

Precisa e aguda a reação psicológica que se opera no jovem capitão, logo ao tomar contato com o ambiente da guerra, ainda cumprindo a segunda parte do seu itinerário, isto é, de Montevideu a Tuiuti. “As gentes estranhas, as novas coisas, o movimento do teatro da guerra — escreve Machado de Assis — produziram nêle saudável transformação. O espírito elástico e móbil sacudiu as sombras de pesar que o enoiteciam, e, uma vez voltado o rosto para o lado do perigo, começou a enxergar, não a morte obscura ou ainda gloriosa, mas o triunfo e o laureado regresso”. E arremata, fixando êsse prodigioso resultado do clima da guerra: “Bebido o primeiro hausto da campanha, Jorge sentiu-se homem”.

As operações, tais quais repercutiram aqui, Machado de Assis as mencionou valendo-se da presença de Jorge como combatente. Aqui é o registro de que o “exército acampado em Tuiuti, não iniciava operações novas”, e, ao pé do fato, a exata explicação de que isso decorria da necessidade de “reunir os elementos necessários para prosseguir a campanha de modo seguro e decisivo”. Mais adiante também o registro da modificação dessa situação, isto é, da marcha de Tuiuti a Tuiucuê, à qual, no dizer de Machado de Assis, “se seguiu uma série de ações e movimentos, em que houve muita página de Plutarco”.

Nossas batalhas vitoriosas foram também vitórias do herói do romance, que “teve parte nas jornadas de Peribeubí e Campo Grande,

não já na qualidade de capitão, mas na de major, cuja patente lhe foi concedida depois de Lomas Valentinas", onde recebera ferimento.

A respeito do desenvolvimento geral da campanha tece considerações que reproduzem as esperanças e decepções da opinião pública na Côrte. De fato, como escreve Machado de Assis, "poucos poderiam supor, nos fins de 1866, que a campanha se protrairia ainda cêrca de quatro anos. O cálculo do general Mitre, relativo aos três meses de Buenos Aires e Assunção, tinha já, caído, é certo, no abismo das ilusões históricas. Proclamações são loterias; a fortuna as faz sublimes ou vãs. A do general argentino, que era já uma afirmação errada, exprimiu contudo, no seu tempo, a convicção dos três povos. Do primeiro embate com o inimigo, viu-se que a campanha seria rija e longa; a ilusão desfez-se; ficou a realidade, que nem por isso encaramos com rosto aflito. Não obstante, era difícil presumir, em outubro de 1866, que a guerra chegasse até março de 1870. Supunha-se que um esforço ingente bastaria a reparar Curupaiti, a derrubar Humaitá, a vencer o ditador, não nos três meses do general Mitre, mas em muito menos tempo do que viria a ser na realidade".

Os reflexos da guerra na sociedade da Côrte, através das transformações psicológicas que se operam nos combatentes, sugeriu-os o autor de "Ialá Garcia" nesta passagem em que fixa a renovada personalidade do herói devolvido ao seu antigo meio social, após anos de campanha:

"O espetáculo da guerra, que não raro engendra o orgulho, produziu em Jorge uma ação contrária, porque êle viu, ao lado da justa glória de seu país, o irremediável conflito das coisas humanas. Pela primeira vez meditou; admirou-se de achar em si uma fonte de idéias e sensações, que nunca lhe deram os receios de outro tempo. Contudo, não se pode dizer que viera filósofo. Era um homem, apenas, cuja consciência reta e cândida sobrevivera às preocupações da primeira quadra, cujo espírito, temperado pela vida intensa de uma longa campanha, começa de penetrar um pouco abaixo da superfície das coisas.

"Querendo adotar um plano de vida nova, renegou a princípio todos os hábitos anteriores, disposto a dar à sociedade tão-somente a estrita polidez".

Em "Ialá Garcia", por força da ambientação do romance, são apenas mais insistentes e demoradas as passagens alusivas à guerra do Paraguai, porque, em verdade, se espalham elas, informativas ou opinantes, por tantas outras histórias de Machado de Assis. No conto "Uma Noite", colecionado em "Páginas Recolhidas", o diálogo de dois personagens serve de pretexto à descrição da vida nos acampamentos, constantemente inquietados pelo tiroteio de rotina:

"Brasileiros e paraguaios — lê-se no conto — tiroteavam naquela ocasião, o que era comum, pontuando com balas de espingardas a conversação. Algumas delas coincidiam por ventura com os pontos

finais das frases, levando a morte a alguém; mas que essa pontuação fôsse sempre exata ou não, era indiferente aos dois rapazes. O tempo acostumara-os à troca de balas; era como se ouvissem rodar carros pelas ruas de uma cidade em paz".

Nesse mesmo conto há menção nominal a Caxias, para assinalar que dava "nôvo impulso à guerra" quando marchou sôbre Tuiú-Cuê. E é esta, convém lembrar, a segunda referência ao deslocamento que marcou o fim da inação em Tuiuti.

Sabidamente a opinião pública brasileira ansiava por algo que significasse uma reativação da luta, capaz de fazer valer o poderio das nossas armas e, por aí, chegar-se à decisão. A insistência de Machado de Assis no registro do desencadear da ação ofensiva de Caxias, correponderá, portanto, ao alvoroçado do interesse com que êsse fato foi recebido na capital do Império. E soa como confirmação do sentido que emprestamos a êsse tratamento do fato alvissareiro, o tom quase queixoso com que se referia ao penoso período de expectativa, muito expressivo nesta cena, também recolhida no conto "Uma Noite".

"Os dois oficiais estavam nas avançadas do acampamento de Tuiuti. Eram ambos voluntários, tinham recebido o batismo de fogo na batalha de 24 de maio. Corriam agora aqueles longos meses da inação, que só terminou em meados de 1867".

Aspecto da guerra que também sensibilizava a opinião pública, quanto ao seu arrastado desenrolar, eram as associações que se faziam entre êsse fato e o interesse dos fornecedores, a quem não conviria a abreviação das operações, o que obviamente importaria em dispensar os fornecimentos. Machado de Assis não chega a colocar o assunto em tais termos, mas fixa o fato essencial, isto é, o enriquecimento fácil e farto com negócios à margem da guerra. É o caso de Procópio Dias ("Iaiá Garcia"), homem de quem diz que "tinha dois credos", e um dêles, era o lucro, fiel ao qual, "mediante alguns anos de trabalho assíduo e finuras encobertas, viu engrossarem-lhe os cabedais. Em 1864, por um instinto verdadeiramente miraculoso, farejou a crise e o descalabro dos bancos, e retirou a tempo os fundos que tinha em um dêles. Sobrevindo a guerra, atirou-se a tôda sorte de meios que pudessem tresdobrar-lhe as rendas, cousa que efetivamente alcançou no fim de 1869".

Ponto curioso, a elucidar, quanto às criações machadianas envolvendo a guerra do Paraguai, é que os seus heróis nunca se alistam como voluntários por motivos patrióticos. São sempre intrigas amorosas ou desgostos íntimos que os arremessam ao serviço de guerra. As vêzes o personagem ostenta essa motivação particular, como é o caso do tenente Isidoro abrindo-se com um companheiro de campanha, o alferes Martinho ("Uma Noite"):

"Já lhe disse também que estudei na Escola Central. O que não sabe é que não foi o simples patriotismo que me trouxe ao Paraguai;

também não foi ambição militar. Que sou patriota, e me baterei agora, ainda que a guerra dure dez anos, é verdade, é o que me agüenta e me agüentará até o fim. Lá postos de coronel nem general não são comigo. Mas se não foi imediatamente nenhum desses motivos, foi outro; foi, foi outro, uma alucinação”.

E explica que tivera uma noiva, por sinal viúva. Uma noite, quando estavam juntos, Camila, como se chamava a noiva, enloqueceu súbitamente e, num acesso, cravou-lhe os dentes na mão. Recolhida a um hospício, somente quatro anos depois Isidoro voltou a vê-la, mas em condições imprevistas: no teatro, onde trabalhava como atriz, sob o nome de Plácida. Procurou-a, falou-lhe, acompanhou-a à casa. A antiga noiva o viu apenas como pessoa conhecida, nem a cicatriz da dentada lhe dissipou as brumas da memória doentia. Agora era Isidoro quem se recusava a reconhecer a antiga noiva. Diante dela tinha a sensação de uma alucinação. E sob essa imagem mortificadora, a que queria fugir, se apresentou voluntário.

Outro caso, outro exemplo. É o de Eusébio, do conto “Troca de Datas” (“Relíquias de Casa Velha”). Eusébio abandonara a mulher e a fazenda onde vivia. “A razão dada — consigna o conto — foi a guerra do Paraguai; e com efeito, êle ofereceu os seus serviços ao governo; mas não há inconveniente que uma razão nasça com outra, ao lado, ou dentro de si mesma. A verdade é que na ocasião em que êle resolveu ir para a campanha, deliciava os habitantes do Pirai uma companhia de cavaleiros na qual uma certa dama, rija, de olhos negros e quentes, fazia maravilhas no trapézio e na corrida em pélo. Chamava-se Rosita; e era oriental. Eusébio assinou com essa representante da república vizinha um tratado de perpétua aliança, que durou dois meses. Foi depois do rompimento que Eusébio, tendo provado o vinho dos fortes, determinou deixar a água simples de casa. Não queria fazer as cousas com escândalo, e adotou o pretexto marcial”.

E aquêle personagem que se tornou capitão de voluntários (“Um capitão de voluntários” — “Relíquias de Casa Velha”), depois de declarar-se avesso à guerra do Paraguai, para cujo serviço não se alistaria nem no posto de Coronel? Esse se decidiu de repente ao descobrir, por acaso, que a amada o traíra com um amigo que os frequentava. Embora a infidelidade, ao ser conhecida da vítima, já estivesse superada, porque a infiel, por si, rapidamente se desinteressara do outro, o homem traído se determinou, calado e resoluto, a seguir para o campo da luta. Os amigos só o souberam ao ver-lhe o nome nos jornais, inscrito numa “lista de cidadãos que, na véspera, tinham ido ao quartel-general apresentar-se como voluntários da pátria”.

E, “antes de um ano — informa ainda o conto — soube-se que êle morrera em combate, no qual se houve com mais denodo que perícia”, tanto assim que primeiro perdera um braço, “e provavelmente a vergonha de ficar aleijado o fez atirar-se contra as armas inimigas, como quem queria acabar de vez”.

Aí está um traço constante dos voluntários circunstanciais de Machado de Assis: todos se portam valentemente quando em ação.

Típico caso de voluntariado de circunstância é o de Jorge, filho de Valéria, em "Iaiá Garcia". Esta se dispõe a remeter o filho ao Paraguai para afastá-lo de um amor detestado por ela. Recorre, para ajudá-la, a um amigo da família, Luis Garcia, perante o qual procura disfarçar suas secretas razões, fornecendo outras:

"Eu creio que é chegado o momento de fazerem tôdas as mães um grande esforço e darem exemplos de valor, que não serão perdidos. Pela minha parte trabalho com o meu Jorge para que vá alistar-se como voluntário; podemos arranjar-lhe um pôsto de alferes ou tenente; voltará major ou coronel. Ele, entretanto, resiste até hoje; não é falta de coragem nem de patriotismo; sei que tem sentimentos generosos".

Mas Jorge percebia tudo e elucidou Luis Garcia:

"Mamãe quer mandar-me para a guerra, porque não pode impedir os movimentos do meu coração".

E quando Luis Garcia, considerando de meu gôsto dar ao problema "um desenlace épico", lhe sugeriu que cedesse "metade sòmente". Viajando à Europa ao invés do Paraguai, Jorge contestou, desdenhoso:

— "Seu conselho mostra a diferença de nossas idades, disse êle. Se eu fôsse para a Europa, que sacrificio faria à pessoa a quem amo? Pelo contrário, a sacrificada era ela. Eu ia divertir-me, passear, ver cousas novas, talvez achar novos amôres. Indo à guerra, é diferente; sacrificio o repouso e arrisco a vida; é alguma cousa".

É o começo da explicação do que se segue, isto é, a adesão de Jorge à idéia de ir à guerra, assim justificada à sua amada, no momento de despedir-se:

— "Embarco amanhã para o sul. Não é o patriotismo que me leva, é o amor que lhe tenho, amor grande e sincero, que ninguém poderá arrancar-me do coração".

Até aqui, o que me foi dado respigar na ficção machadiana, tendo em vista focalizar problemas humanos e fatos sociais do Rio de Janeiro sob as demoradas preocupações produzidas pela Guerra do Paraguai. São páginas compostas alguns anos após os acontecimentos. Refletirão, destarte, impressões e conhecimentos já cristalizados. Mas do momento em que transcorria a guerra, da guerra em pleno

desenvolvimento, também há muito na obra de Machado de Assis, Ai-
porém, já são elementos de outra natureza, são antes reações emo-
cionais, dessas que se produzem sob o impacto dos acontecimentos.
Vemo-lo, por exemplo, consagrando uma crônica (7 de fevereiro de
1865) ao papel da mulher no esforço de guerra. É algo quase patético
como devia requerer a ocasião.

“Não nascestes — diz Machado de Assis cronista — para a guer-
ra, isto é, para a guerra da pólvora e da espingarda. Nascestes para
outra guerra, em que a mais inábil e menos valente, vale por dois Aqui-
les. Mas, nos momentos supremos da pátria, não sois das últimas. De
qualquer modo ajudais os homens. Uma, como mãe espartana, arma o
filho e o manda para a batalha; outras bordam uma bandeira e a en-
tregam aos soldados, outras costuram as fardas dos valentes; outras
dilaceram as próprias saias para encher os cartuchos; outras prepa-
ram os fios para os hospitais; outras juncam de flôres o caminho dos
bravos. Voltará aquele filho antes da desafronta da pátria? Deixarão
os soldados que lhes arranquem aquela bandeira? Entregarão as far-
das que os vestem? Sentirão os ferimentos quando aqueles fios os hão
de curar? A par da santa idéia da pátria agravada, vai na imaginação
dos heróis a idéia da dedicação feminina, das flôres que os aguar-
dam, das orações que os recomendam de longe”.

“Não tendes uma espada, tendes uma agulha; não comandais um
regimento, formais coragens; não fazeis um assalto, fazeis uma ora-
ção; não distribuis medalhas, espalhais flôres, e estas, podeis estar cer-
tas, hão de lembrar, mesmo quando o forem sêcas, os feitos passados
e as vitórias do País”.

Esse mesmo espírito há de explicar certo soneto divulgado pela
primeira vez na revista de Henrique Fleiuss (“Semana Ilustrada”), com
ilustração dêste, uma alegoria representando D. Rosa Maria Paulina
da Fonseca e os sete filhos que oferecera ao serviço da pátria, um dê-
les o cap. Manoel Deodoro, em quem viríamos a ter o Marechal pro-
clamador da República. Dava-se êsse soneto como de autoria da pró-
pria senhora alagoana, que o teria composto ao partir para a guerra
o seu sétimo filho, alferes Afonso Aurélio. Isso até que Magalhães
Júnior provasse, como provou (“Ao redor de Machado de Assis”, p. 87-
88), com decisivos elementos de crítica literária, que o soneto era de
Machado de Assis. D. Rosa da Fonseca apenas motivara o autor, tão-
sòmente sua espartana fibra lhe inspirara nova página de exaltação
à mulher brasileira.

E aqui vai reproduzido o soneto famoso:

*Cala-te, amor de mãe! quando o inimigo
Pisa da nossa terra o chão sagrado
Amor da pátria, vivido, elevado,
Só tu na solidão serás comigo!*

O dever é maior do que o perigo:
Pede-te a pátria, cidadão honrado;
Vai, meu filho, e nas lides do soldado
Minha lembrança viverá contigo!

És o sétimo, o último. Minh'alma
Vai tôda aí, convosco repartida,
E eu dou-a de olhos secos, fria e calma.

Oh! não te assuste o horror da márcia lida;
Colhe no vasto campo a melhor palma:
Ou morte honrada ou gloriosa vida.

Nem seria essa a única manifestação poética de Machado de Assis inspirada na guerra que lavrava no Sul. "O acordar do Império", é outra poesia desse gênero, devida a Machado de Assis, agora autor ostensivo. Trata-se de um poema épico, aberto nesse tom:

"De pé — Quando o inimigo o solo invade
Ergue-se o povo inteiro; e a espada em punho
É como um raio vingador dos livres!"

Adiante, em diferentes passagens, dizia assim:

"É preciso vencer! Manda a justiça,
Manda a honra lavar com sangue as culpas
De um punhado de escravos. Ai daquele
Que a face maculou da terra livre!
Cada palmo do chão vomita um homem!
E do Norte, e do Sul, como êsses rios
Que vão, sulcando a terra, encher os mares
A falange comum os bravos correm!"

"E vão todos, não pérfidos soldados
Como êsses que a traição lancou nos campos;
Vão como homens. A flama que os alenta
É o ideal esplêndido da pátria.
Não os move um senhor; a veneranda
Imagem do dever é que os domina,
Esta bandeira é símbolo; não cobre,
Como a dêles, um túmulo de vivos.
Hão de vencer! Atônito, confuso,
O covarde inimigo há de abater-se;
E da opressa Assunção transpondo os muros
Terá por prêmio a sorte dos vencidos."

*"Basta isso? Ainda não. Se o império é fogo,
Também é luz: abrasa, mas aclara.
Onde levar a flama da justiça,
Deixa um raio de nova liberdade.
Não lhe basta escrever uma vitória,
Lá onde a tirania oprime um povo;
Outra, tão grande, lhe desperta os brios;
Vença uma vez no campo, outra nas almas;
Quebre as duras algemas que roxeiam
Pulsos de escravos. Faça-os homens."*

*"O povo um dia cobrirá de flôres,
A imagem do Brasil. A liberdade
Unirá como um elo êstes dois povos.
A mão, que a audácia castigou de ingratos,
Apertará sômente a mão de amigos.
E a túnica farpada do tirano,
Que inda os quebrados ânimos assusta,
Será, aos olhos da nação remida
A severa lição de extintos tempos!"*

Dêsse poema sabe-se que devia ser um dos números do espetáculo especial programado pela Companhia de Furtado Coelho, para o dia 5 de maio de 1865, no Teatro Ginásio, em benefício da "Sociedade União e Perseverança". Como o Imperador D. Pedro II e a Imperatriz Tereza Cristina não pudessem comparecer, nesse dia, o espetáculo foi transferido para o dia 8 de maio, quando de fato se realizou. Quanto ao poema, tornou-se também conhecido através de publicação feita, logo a seguir, no "Diário do Rio de Janeiro", quando teve o título modificado para "A cólera do Império".

Tão pouco estancaria aí a musa patriótica de Machado de Assis. Já depois de terminada a guerra, um dia, diante do Brigadeiro Pinheiro Guimarães, médico e dramaturgo que se fizera soldado e voltava da guerra com o peito coberto de condecorações, por atos de bravura, Machado de Assis se restabeleceu no fervoroso versejador de "A cólera do Império". E, desta feita foi mais além, porque êle próprio disse seus versos na cena aberta de um teatro, em que se representava a "História de uma moça rica", em homenagem ao autor, que era Pinheiro Guimarães mesmo. São versos de circunstância, nada imortais, todavia muito expressivos da exaltação patriótica dessa reunião que devia ser igual a tantas outras daqueles dias vitoriosos. E os versos? Convém recordá-los, alguns, que não haverá nada mais sugestivo quanto ao colorido e à vibração do que foi o espetáculo:

*"Ouviste o márcio estrépito
E a mão lançando à espada
Fôste, soldado indômito,
Vingar a pátria amada
Do universo delírio
Aceso o coração."*

*"Fôste, e na luta férvida
(Glória e terror das almas)
Das quais loureiros vividos
Colheste eternas palmas.
Diga-o ao mundo e à história
A boca da nação!"*

*"Chamam-te as musas, chama-te
A imensa voz do povo
Que, em aplauso unânime,
Te guarda um prêmio novo.
Vem lutador do espírito,
Colhe os lauréis da paz!"*

Mas retrocedamos, por um instante ainda, ao tempo da guerra, para fixarmos imagens dos seus últimos arrancos como se refletiam na crônica de Machado de Assis. Estávamos em janeiro de 1869. Desde o dia 5 Caxias entrara em Assunção. De 24 é uma crônica em que Machado de Assis comenta notícia de que Lopez fizera seu testamento. O comentário é alegre, espelha o espírito desafogado diante da guerra já resolvida, a paz à vista. E que primor de mordacidade, aquela mesma com que fôra alvejado outro inimigo do Brasil, o Ministro inglês William Christie! Dizia assim a crônica:

"O Sr. Francisco Solano Lopez está definitivamente demitido do emprêgo que exercia no Paraguai, e se não fôsse o zelo com que preparou as coisas, é provável que a esta hora viesse pedir um emprêgo em qualquer parte do Brasil.

"Tendo o carrasco de S. Paulo recusado há cêrca de 6 anos fazer uma execução (eloqüentíssimo protesto contra sua pena de morte) bem podíamos dar-lhe êsse emprêgo com um bom ordenado a fim de que êle pudesse sustentar a numerosa família. Carrasco no Brasil é hoje uma das melhores sinecuras, e se ninguém pede êsse cargo é por motivos que fâcilmente se compreendem".

Dêsse modo o que quer é indicar que o Ditador paraguaio está definitivamente perdido. Ao lado disso, em todo caso, registra a controvérsia em tôrno da sua personalidade quando observa que, de boa fé, algumas pessoas "admiram o ex-feitor do Paraguai como um grande homem", a tal ponto que, "como é difícil acreditar na grandeza de um homem que manda matar os sujeitos mais ricos para lhes empolgar a fortuna, duvidam da autenticidade dêsses fatos".

E como para deixar entrever quanto apaixonada se fazia essa controvérsia, mesmo entre brasileiros, acrescenta:

"Tenho um amigo, entre outros, que admira o Lopez. Devo dizer que não o admira em absoluto, mas admira-o, e discutimos sempre a respeito dêle, como dois amigos, sem nos zangarmos, mas também sem que eu consiga dissuadi-lo das suas opiniões".

Após a ocupação de Assunção, um dos primeiros cuidados das autoridades brasileiras foi promover eleições através das quais o povo paraguaio pudesse constituir o seu próprio governo, em bases democráticas. A luta eleitoral, que então se abriu, não faltaram veemências, até de natureza física, e a crônica de Machado de Assis transmitiu isso sob comentário irônico:

"Ó prodígio! ó mistério da urna! ó liberdade de voto!

"Até aqui era o povo paraguaio um povo de carneiros que, à imitação dos de Panúrgio, seguiam cegamente o carneiro condutor.

"Os jesuítas, o ditador Francia, os dois Lopes tinham consumado essa obra.

"O povo paraguaio era um relógio perfeito; dava-se-lhe corda e andava sem discrepar um minuto.

"Mas por que se quebram cabeças no Paraguai?

"Quebram-se as cabeças porque há vários candidatos ao governo.

"Candidatos no Paraguai! Acreditá-lo-eis, — pósteros?"

Dêsse registro sarcástico, passa a crônica, nas linhas finais, ao plano do comentário político, numa advertência realista:

"Não estou habilitado para aconselhar ninguém e muito menos aos governos aliados contra o ditador Lopez. Entretanto, lembrarei a conveniência de impedir que os nossos aprendizes da liberdade não se tornem incômodos, como por longo tempo os condiscípulos do Rio da Prata. Se os paraguaios passam de pacíficos Sanchos-Panças a belicosos D. Quixotes, aí teremos tempo e dinheiro perdido em conter os nossos queridos alunos".

E são assim os derradeiros registros de Machado de Assis em torno da Guerra do Paraguai, já decidida, perdurando, residual, apenas nas operações de limpeza, representadas pela fase de guerrilhas que se denominou Campanha das Cordilheiras. Todavia, algumas notas ainda repontam, aqui e ali, a qualquer pretexto.

As vêzes consistem, tão-somente, numa associação de mero sabor literário, como nesta passagem de uma crônica de 1884:

"Senhores, eu conheci um homem que durante à guerra de 1870, não era francês nem alemão, mas aritmético. A volúpia com que êle falava das centenas de milhares de soldados era única; parecia que êle os comandava todos de um e de outro lado, que compusera os dois exércitos, que eram seus, sangue do seu sangue, carne da sua carne. A batalha de 24 de maio, na Guerra do Paraguai, mostrou-me igual fenômeno; um sujeito, aliás bom patriota, tão fascinado ficou pelo número dos combatentes, que não atendia ao fulgor da batalha, e dizia que era a primeira da América do Sul, não pelos prodígios de valor, mas pela quantidade de homens".

Outras vezes é uma referência de simpatia, como aquela que faz a Tamandaré (crônica de 15 de dezembro de 1895), ao tornar-se êste octogenário, mencionando que descansa "das suas grandes fadigas militares".

Também às figuras militares mais distantes e menos nossas se põe atento. De fato, atento estêve Machado de Assis quanto ao general Mitre, cujo confessado aprêço às musas assinalou e louvou, a propósito da resposta do general argentino ao senador e poeta José Marmol, quando êste se lhe dirigiu enaltecendo o nível literário da contenda em que o militar se vinha empenhando com o jornalista S. C. Gomes.

Escrevera Marmol a Mitre:

"Se sacrificio dêste modo a parte histórica das duas cartas, perdoe-se ao poeta que dá com orgulho o abraço de congratulação a seus irmãos".

E o general lhe respondeu:

"Como homem teórico gostaria muito de ser poeta, para poder voar além das fronteiras do mundo material, que é o mundo dos asnos, dos homens práticos e até científicos. Assim é que, como soldado das musas, defendi os direitos da poesia e seus direitos de cidade no domínio das idéias".

A isso observa Machado de Assis (crônica de 21 de agosto de 1870):

"Dois homens de Estado, dois soldados políticos, em plena imprensa, confessando-se audazmente sectários das musas, isto é, quando bastava, cá no nosso Brasil, para que os homens de Estado fôssem riscados do número dos homens sérios pelos ditos asnos de que fala Mitre.

"Ainda estou por saber a razão do mêdo com que muitos homens políticos escondem os seus préstimos literários. Se dois homens nossos escrevessem o que escreveram, Mitre e Marmol, ficavam certame em maus lençóis; mas se todos o escrevessem, não tinham os asnos outro remédio senão engolir a pílula de cara alegre".

O rebate onde se denuncia, porém, mais expressivamente a vivência da Guerra do Paraguai na alma da gente carioca contém-se numa página machadiana, de 11 de novembro de 1894, inspirada pela visita de comissão uruguaia, incumbida de trazer-nos medalhas comemorativas da campanha.

"Campanha do Paraguai? Onde fica o Paraguai?" — interroga Machado de Assis, para dar idéia do adormecimento em que já haviam caídos os fatos agora súbitamente propostos à memória do povo. E observa, fazendo então valer as suas vivências pessoais, de quem atra-

vessou, testemunhando e sofrendo, aquêles numerosos tempos de aflição e glória:

“Os que já forem entrados na história e na geografia, poderão descrever essa guerra, quase tão bem como a de Jugurta. Faltar-lhes-á, porém, a sensação do tempo.

“Oh! a sensação do tempo! A visita dos soldados que entravam e saíam, de semana em semana, de mês em mês, a ânsia das notícias, a leitura dos feitos heróicos, trazidos de repente por um paquete ou um transporte de guerra... Não tínhamos ainda êste cabo telegráfico, instrumento destinado a amesquinhar tudo, a dividir as novidades em talhadas finas, poucas e breves. Naquele tempo as batalhas vinham por inteiro, com as bandeiras tomadas, os mortos e feridos, número de prisioneiros, nomes dos heróis do dia, as próprias partes oficiais. Uma vida intensa de cinco anos. Já lá vai um quarto de século”.

E dentro dêsse mesmo espírito, a propósito da inauguração da estátua de Osório, conclui: “Os que ainda mamavam quando Osório ganhava a grande batalha, podem aplaudi-lo amanhã revivido no bronze, mas não terão o sentimento exato daqueles dias...”

Volta a Osório e à estátua em crônica seguinte (18 Nov 1894), dando Bernardelli como “glorificado pela grandeza e perfeição com que perpetuou a figura do herói”, e diz ainda: “Fique a estátua com os seus dois colaboradores, o escultor e o soldado; eu contento-me em contemplá-la e passar, e lembrar-me das gerações futuras que a hão de contemplar como eu”.

Também acontecia que sem motivação específica Machado de Assis se pusesse a recordar a Guerra do Paraguai. E quanto mais gratuito, mais comovido êsse rememorar. São páginas como a de uma crônica de março de 1894, quando 24 anos já se amontoavam sôbre a derradeira cena da guerra, o fim de Lopez, em Cerro-Corá. Assim escrevia o cronista, dando-se conta, entre espântos, dos anos, tantos, que já se haviam escoado:

“Deus meu! Há pessoas que nasceram depois da guerra do Paraguai! Há rapazes que fazem a barba, que namoram, que se casam, que têm filhos, e, não obstante, nasceram depois de batalha de Aquidabã. Mas então que é o tempo? É a brisa fresca e preguiçosa de outros anos, ou êste tufão impetuoso que parece apostar com a eletricidade? Não há dúvida que os relógios, depois da morte de Lopez, andam muito mais depressa”.

Dá que pensar o fato de Machado de Assis, assim tão assíduo e fervoroso, tanto no registro como na apreciação da Questão Christie e da Guerra do Paraguai, não se haver interessado pela Guerra da Cisplatina nem pela Campanha Contra Oribe e Rosas (1851-1852). Pare-

ce total a sua abstenção quanto a essas duas lutas externas em que nos empenhamos. Com respeito à primeira, que se situa entre 1825 e 1828, quando ainda não era nascido (1839), só poderia demonstrar interesse histórico. Além disso, foi uma campanha para a qual os brasileiros não se sentiam motivados, herança que fôra, nas suas raízes, da política de D. João VI no Prata, em boa parte condicionada pelas intrigas e ambições de Carlota Joaquina. Dessas condições negativas e da inépcia com que foi conduzida no plano militar, resultou desastrosa, embora politicamente acabasse vantajosa para o Império, uma vez que consagrou a independência do Uruguai, com o comprometimento de Buenos Aires. Por tudo isso, não seria a Campanha da Cisplatina matéria para ser manipulada com gosto na ficção, porém mais propriamente para ser investigada e debatida pelos historiógrafos. Machado de Assis a ignorou, mas ignorou também a luta de 1851-1852, que terminaria em Monte Caseros com a derrota e fuga de Rosas. Ora, esta campanha já teve outras características: era justa e o êxito das nossas armas, além de amplo foi fulminante. Entretanto, não passou de uma luta localizada, na qual só se empenharam praticamente combatentes da Província do Rio Grande, aqueles mesmos lançados às escaramuças ao longo da fronteira gaúcha, a cada uma das renovadas ameaças dos caudilhos agressivos. O êxito certamente repercutiu no Império, mas a campanha não, porque não o sangrou, não lhe ocupou senão energias parciais, não lhe comprometeu a existência, não lhe doeu no corpo todo, doeu apenas num membro, calejado já. Diferente a Guerra do Paraguai, drama nacional, aflição em todos os lares, luto por toda a parte, esforços exaustivos, valores em confronto, destino em jogo.

Quando, portanto, Machado de Assis passa ao largo da campanha contra Oribe e Rosas, ao passo que não se farta de mencionar, discutir, sofrer e glorificar a Guerra do Paraguai, está apenas refletindo o sentimento do seu povo, que assim também se portou em relação às duas campanhas. E essa verdade parece definitivamente comprovada diante daquelas notas evocativas da guerra contra Lopez que ainda repontam na crônica de Machado de Assis, aqui e ali, a qualquer pretexto, a guerra já era apenas memória. Tenho-as como rebates do mesmo tipo dos rebates que os da minha geração ainda conheceram nas orgulhosas narrativas dos nossos avós ou na presença, nas ruas, de remanescentes veteranos, olhados com curiosa veneração. Ainda estou a ver, por exemplo, na minha Província, o major João Varela, impressionante figura física, de elevado porte desempenado, alvas barbas descendo sobre o peito largo, olhar altaneiro, passo lento e firme, pleno de dignidade heróica. Como gostava de vê-lo passar, principalmente quando se apresentava fardado para as homenagens dos dias de festa cívica! Nêle, assim tão vistoso e grave, se materializava para mim, de súbito, toda a Guerra do Paraguai, sofrida e bela, como a compunha na minha fantasia, partindo dos serões familiares.

Também rebate da jornada histórica na alma brasileira seriam obscuras homenagens de patriotas obscuros, como aquela de meu pai que batizou o filho, nascido em 24 de maio, com o nome de Joaquim Tuiuti.

Pois bem, na obra de Machado de Assis, como na alma do seu povo, repercutem, anos afora e comovidamente, os fatos da Guerra do Paraguai, seus homens, seus sacrifícios, seus feitos. E não fôssem eles imortais em si mesmos, homens e feitos imortais ter-se-iam tornando quando a palavra de Machado de Assis os celebrou, em prosa e verso.



ANIVERSÁRIO DA REVISTA

Por motivo da passagem de 52º aniversário de A DEFESA NACIONAL, ocorrido a 10 de outubro de 1965, recebemos os honrosos radiogramas abaixo transcritos, que, desvanecidos, agradecemos :

"Diretor Defesa Nacional — Ed Ministério Guerra — Rio — GB

S/N — RP de 12-Out-65.

Recebam componentes valorosa equipe dessa Revista vg nossos calorosos cumprimentos transcurso seu aniversário de fundação pt Cordiais saudações pt Gen Arthur da Costa e Silva — Ministro Guerra".

"Gen Altair Franco Ferreira — M.D. Diretor RV A Defesa Nacional — Palácio da Guerra — Rio Nº 227 de 7-10-65.

Ensejo transcurso aniversário prestigiosa organização de cultura militar felicito prezado amigo e digno diretor vg e seus competentes auxiliares motivo grata efeméride pt Marechal J. B. Mascarenhas de Moraes".